

Femme Fatale 2010*

TEN CEL KRISTAL L. ALFONSO, USAF

Segundo Tolstoy, a guerra e as mulheres não se misturam – existem a parte. Mas, ao presenciar todas as atrocidades de 1941, a morte de meus amigos e parentes, civis pacíficos, quis liberar meu povo do inimigo. Quero que sublinhem em vermelho que esse era o sonho favorito das jovens, libertarem a terra, mas não queríamos lutar – matar.

—Cap Mariya Dolina
125th Guards Bomber Regiment
Heroína da União Soviética

AS MULHERES sempre participaram em conflito armado, frequentemente, apoiando ativamente os exércitos que acompanhavam. Algumas, em geral as esposas de soldados, serviam de enfermeiras, lavadeiras, cozinheiras e costureiras. Outras optavam em participação ativa nas batalhas, como a famosa Mary Hays McCauly, que recebeu o apelido de “Molly Pitcher” [Molly Jarra] durante a Batalha de Monmouth em 1778, quando providenciava cuidado médico e jarras d’água aos membros do Exército Continental que lutavam contra os Britânicos. Quando seu esposo foi atingido por estilhaços, McCauly tomou sua posição de canhoneiro para que a artilharia pudesse continuar lutando. O Gen George Washington recompensou sua bravura, outorgando-lhe a patente de militar graduada.¹

A história de Molly Pitcher simboliza a realidade das mulheres e da guerra, que sempre se afeta de uma forma ou de outra, apesar das muitas tentativas da sociedade civilizada em proteger o sexo frágil dessa brutalidade. Contudo, não importa os sucessos de Molly Pitcher em campo de batalha, a cultura americana tradicionalmente denegria a participação do sexo feminino em guerra. Na maioria das culturas, até mesmo hoje em dia, a ideia da mulher engajada em operações de combate é anátema. Assim, a História completamente descarta as contribuições femininas e participação em conflito armado ou re-



Natalia Meklin

*Este artigo foi derivado de outro mais extenso da mesma autora, *Femme Fatale: An Examination of the Role of Women in Combat and the Policy Implications for Future American Military Operations*, Drew Paper no. 5 (Maxwell AFB, AL: Air University Press, 2009).



586º Regimento de Mulheres Combatentes

lega seu envolvimento a papéis escandalosos de protagonistas, tais como prostitutas ou espãs de cama.

Este artigo analisa três casos que demonstram a variedade da participação das mulheres em conflito armado moderno, em uma tentativa de explorar se as leis e diretrizes atuais que excluem mulheres de combate continuam válidas ou se necessitam de emenda. O primeiro examina a experiência das aviadoras soviéticas durante a Segunda Guerra Mundial e sua participação mais tradicional em conflito armado. O segundo analisa os aspectos assimétricos da participação feminina durante conflito, com enfoque específico em atividades terroristas. O último caso apresenta a experiência feminina americana na Força Voluntária Total [*All Volunteer Force*], com enfoque em seu desempenho em operações de combate, desde o início desse tipo de participação nos anos 90.

Concluimos ao propor como as forças armadas e a sociedade norteamericana devem seguir avante em seu debate acerca do papel das mulheres. Apesar dos críticos baterem na mesma tecla, alegando que a sociedade deve proteger as mulheres da violência da guerra, a realidade é que, atualmente, as mulheres da Força Voluntária Total entram em combate.

Os três casos abaixo comprovam que as mulheres participaram e sempre participarão em batalhas. Ademais, o êxito da contribuição feminina teve efeito positivo. Negar aos cidadãos o direito de lutar pelo país, unicamente devido ao sexo, não passa de flagrante discriminação. Os Estados Unidos devem, de uma vez por todas, assumir a liderança, assumindo

a retórica dos princípios e demonstrando a paridade cívica entre homens e mulheres.

As Aviadoras Soviéticas da Segunda Guerra Mundial

Através dos séculos, a cultura russa abraça e até mesmo glorifica o *ethos* da mulher guerreira.² Embora o papel dessas *polianitsy* ou guerreiras heroínas diminuiu à medida que emergem as culturas patriarcais mais rigorosas, as lendas de mulheres guerreiras continua a fazer parte da cultura daquele país.³ Evidentemente, sempre que a pátria mãe esteve sob ameaça de forças invasoras, as mulheres levantaram-se para lutar ao lado dos homens.



Marina Raskova

A Guerra Civil Russa apresentou às mulheres maiores oportunidades de participação em operações de combate. A Frota Aérea de Trabalhadores e Campesinos [Glavvozduhflot], por exemplo, que desesperadamente buscava pilotos para lutar contra os Anti-Bolchevistas Brancos, não objetou em empregar mulheres em funções de combate. A ideologia marxista promovia a igualdade entre os sexos. A luta das mulheres em uma sociedade patriarcal igualava a dos trabalhadores contra o capitalismo. Os líderes da revolução comunista encontraram correligionários e participantes dispostos entre a metade da população desprivilegiada. Os líderes comunistas propagavam o credo de que uma vez que a revolução fosse vitoriosa, “os homens e as mulheres naturalmente seriam iguais. Não poderia haver discriminação entre os sexos em nação socialista.”⁴

Sob a liderança bolchevista, as mulheres russas obtiveram o que poucas haviam conseguido: a igualdade. Anteriormente, o governo provisório havia outorgado às mulheres igualdade, de acordo com a lei, oferecendo melhor educação e oportunidades profissionais.⁵ Os bolchevistas defendiam a teoria de que o socialismo marxista resolveria todas as dificuldades da sociedade, igualando o estabelecimento de governo socialista à criação de uma utopia na qual os homens aceitariam “as mulheres em combate, como algo corriqueiro, sem resistência sexista ou discursos santimônios de boas vindas.”⁶

Mais tarde, as oportunidades pedagógicas soviéticas oferecidas às mulheres durante as décadas de 20 e 30 permitiram que certo nú-



Tanya Makarova. A sombrinha para proteção do sol

mero recebesse brevê de piloto, a maioria através de aeroclubes, embora pequeno grupo selecionado passasse por treinamento militar. As mulheres soviéticas distinguiram-se em uma variedade de sucessos aéreos civis, inclusive o voo ininterrupto da aeronave denominada *Rodina* [Pátria].⁷ Essa aeronave, com uma tripulação inteiramente feminina, estabeleceu novo recorde de voo linear internacional ininterrupto: 26 horas + .⁸ Além disso, a Major Marina Raskova, navegadora da *Rodina*, sobreviveu sozinha durante um período de 10 dias nas florestas subárticas da Rússia com algumas barras de chocolate e amoras silvestres, após saltar de paraquedas antes de aterrissagem de emergência. Automaticamente, transformou-se em heroína da União Soviética e o Stalin, em pessoa, propagava sua imagem heróica.

Hitler Invade a União Soviética

Apesar da popularidade das oficiais da *Rodina*, quando Hitler deu início à Operação Barbarossa, as forças militares soviéticas contavam com pouquíssimas mulheres.⁹ Embora regulamento governamental algum negasse o ingresso de mulheres, os líderes militares não incentivavam seu alistamento voluntário ao serviço militar ativo e muitas vezes recusavam-se a aceitá-las. Por outro lado, apoiavam sua participação em grupos paramilitares, a fim de receber diversos tipos de treinamento. Patrocinado pelo Komsomol [abreviação de *Kommunisticheskiy Soyuz Molodyozhi*, i.e., Liga de Jovens Comunistas], essas mulheres mantinham o mais alto nível de treinamento físico, através de esportes relacionados. Frequentavam cursos de treinamento em armas, inclusive de exímias atiradoras desportistas e, até mesmo, treinamento de voo.¹⁰

Em reação à invasão da União Soviética pela Alemanha em junho de 1941, Raskova procurou colocar em campo esse prolífico grupo de possíveis guerreiras, utilizando sua influência junto a Stalin e ao Ministério de Defesa, a fim de persuadi-los a prosseguir com o estabelecimento de contingentes de aviado-

ras. As mulheres, especialmente aviadoras instrutoras, constantemente imploravam a Raskova para fazer parte de destacamentos, perguntando como podiam “colocar sua habilidade a serviço da pátria – acima de tudo, como podiam lutar na linha de frente, preferivelmente em contingentes aéreos.”¹¹ Stalin finalmente concordou em estabelecer o 122º Grupo Aéreo Composto, que continha três destacamentos completamente femininos: O 586º Regimento de Combatentes, o 587º Regimento de Bombardeiros e o 588º Regimento Aéreo.¹²

O Resultado

Apesar de tentativas para destacar a contribuição das mulheres durante a guerra, o público soviético e as forças armadas aparentemente estavam pouco familiarizados com as combatentes. A Major Marta Meritus do 125º Regimento descreveu uma reunião para veteranos após a guerra: “O comandante da linha de frente, sob o qual lutamos durante a guerra, perguntou por que havíamos sido convidadas à recepção e quem éramos. Fomos obrigadas a explicar que éramos as aviadoras e mecânicas do 125º Regimento. Ele pensava que era um regimento masculino e foi uma surpresa descobrir a verdade, após a guerra. Até mesmo agora poucos homens acreditam que tripulações femininas possuem a capacidade de voar o bombardeiro de mergulho”.¹³ Há pouco tempo, as reações de menosprezo no Ocidente foram ainda maiores.

De acordo com Kazimiera Cottam, os analistas ocidentais tendiam a ver as combatentes soviéticas meramente como propaganda, notando que os relatos do “sucesso feminino nas forças armadas foram muitas vezes rejeitados como relatos ou anedotas típicos de propaganda”.¹⁴ O governo e as forças armadas soviéticas pouco fizeram para descartar tais suposições. Embora a Rússia conte com rica história de mulheres bem sucedidas em combate, as forças aéreas modernas contêm uma abordagem mais conservadora, similar a da experiência soviética durante e após a Segunda Guerra Mundial.

Durante a década de 90, a metade dos conscritos no Exército Russo era composta de mulheres, muitas servindo em funções de combate, inclusive operadoras de metralhadoras.¹⁵ O pobre desempenho dessas tropas femininas de combate prejudicará a futura inclusão de mulheres russas em combate. De acordo com o Gen Vladimir Konstantinov do Estado-Maior do Diretório Principal de Organização e Mobilização, “em 1999 todos os soldados femininos sob contrato das brigadas motorizadas de rifle em prontidão permanente dos Distritos Militares 138 e 200 de Leningrado recusaram-se a lutar com esses destacamentos durante a segunda campanha da Chechênia, causando problemas enormes, quando tentamos encontrar homens para tomar seu lugar nesses destacamentos”.¹⁶ O Ministério de Defesa relata que a porcentagem atual de recrutas femininos continua fixa a 24 por cento e que em futuras operações, o Mi-



Ekaterina Budanova

nistério excluirá as mulheres de operações de combate.¹⁷

As *Shahidas* em um Novo Mundo Intrépido

A maioria dos americanos associa as operações estrangeiras de contingência com o conflito entre as ideias seculares ocidentais e as tradições islâmicas radicalizadas. A imprensa dos Estados Unidos continua a solidificar tal noção. O terrorismo serve de dispositivo para povos oprimidos e grupos que buscam o anarquismo político, mas os protagonistas estatais com muita frequência também recorrem ao terrorismo para controlar a população. Na era moderna, tanto oprimidos como opressores usam o terrorismo sem misericórdia e sem restrições.

A Expectativa da Sociedade na Era do Terrorismo Moderno

Incentivados pelos noticiários, os americanos assumem ainda mais que o Islã busca relegar as mulheres a papéis subservientes e que a maioria das muçulmanas resistiriam tal subjugação, se pudessem, como no caso das americanas durante os movimentos sufragistas e de igualdade de direitos. Essas suposições são falsas. De acordo com as tradições das três religiões principais que tiveram origem no Oriente Médio (Judaísmo, Cristianismo e Islamismo), a mulher continua subserviente ao ‘dono’ da casa. Quando comparadas aos filhos homens, infiéis e escravos, todos esses últimos três grupos conseguem ascender acima da posição inicial de inferioridade ao atingir a idade adulta, aceitar a fé e através de emancipação. Entretanto, as mulheres permanecem “irremediavelmente presas à [sua] inferioridade”.¹⁸

O véu veio a simbolizar essa luta entre as tradições islâmicas e os ideais ocidentais modernos. As tentativas do governo francês em remover o véu das algerianas durante a guerra de independência, na verdade resultaram (além de outras táticas mais cruéis, tais como

estupro) em que as mulheres ingressassem à resistência. Em cerimônias por toda a Argélia, os líderes militares e coloniais franceses *incentivaram* as mulheres a retirar o véu diante de multidões de compatriotas algerianos e muçulmanos.¹⁹ Os passos tomados pelas forças armadas francesas para emancipar as mulheres algerianas de suas tradições culturais e sociais foram absurdos. Primeiro, os estrategistas franceses demonstraram total ignorância para com a cultura algeriana. Antes das iniciativas, a maioria das mulheres não usava véu.²⁰ Segundo, o ato de retirar o véu representava a liberação da mulher algeriana da opressão masculina. Contudo, os soldados franceses violaram as mulheres para forçá-las a obedecer e para que aceitassem o domínio francês em nome de todos os algerianos.²¹ Após o governo colonial instituir o programa da remoção do véu em 1958, as algerianas começaram a usá-lo em desafio às autoridades francesas.²²

Em lugar de fazer com que a população aceitasse *de corpo e alma* as tentativas ocidentais para liberar as mulheres da tradição cultural em áreas instáveis ao redor do mundo, repetiram a experiência dos franceses na Argélia. As mulheres opuseram-se aos ideais de liberação em busca de justiça para os muçulmanos e membros das tribos. Como Bernard Lewis observa, “uma das consequências mais notáveis da renascença islâmica foi que as mulheres voltaram ao traje completamente tradicional, mas os homens não”.²³ Ademais, explica Lewis, os muçulmanos em geral acreditam que “o outro lado da tirania não é a liberdade mas sim a justiça”.²⁴

Atualmente, a volta à vestimenta tradicional não é a única maneira pela qual as mulheres muçulmanas demonstram dedicação à cultura, religião e sociedade. Cada vez mais, em todas as áreas dominadas pelos muçulmanos as mulheres desejam tomar parte na luta contra o que percebem ser a opressão ocidental. Dentro do território da Palestina, os destacamentos de mulheres combatentes começam a organizar-se. Em 2002 quatro jovens levaram a cabo missões suicidas contra as forças armadas e civis israelitas. Essas *shahidas* (mártires femininos) transformaram-se em modelo para as mulheres palestinas que buscam a li-

beração da comunidade do jugo israelita. Em 2005, o primeiro destacamento totalmente feminino foi instituído sob a ala militar do Hamas—*Izz al-Din Al-Qassam* (derivado do nome de famoso líder religioso palestino que resistiu ao domínio britânico e foi o fundador da Mão Negra).²⁵

O ímpeto para fazer com que as mulheres tomem parte em movimentos modernos de resistência e sacrifiquem a vida pela comunidade iguala a justificativa das combatentes femininas soviéticas durante a Segunda Guerra Mundial. Em suma, as combatentes modernas em movimentos de resistência buscam contribuir à defesa da identidade nacional ou à das tribos, ao mesmo tempo em que tentam trazer honra e segurança às famílias. Do mesmo modo, as insurgentes modernas participam cada vez mais em operações de combate, bem como em papéis mais tradicionais de apoio. O uso de mulheres em operações suicidas por grupos conservadores islâmicos inicia nova fase na luta insurgente em todo o globo. Durante o conflito Israel-Palestina, os Palestinos utilizaram as mulheres para enviar uma mensagem mortal aos Israelitas: “O terrorismo não é apenas um fenômeno passageiro. Os terroristas não são apenas jovens excêntricos que cochicham na penumbra pelos cantos. Os terroristas são estudantes de escolas preparatórias, os terroristas são mulheres – e, os terroristas estão a toda sua volta”.²⁶

As Viúvas Negras da Chechênia: a Honra é Tudo que Resta

Os rebeldes da Chechênia certamente exploraram a vantagem tática de mulheres combatentes. A maioria dos americanos, se até mesmo estão cientes do conflito entre a Chechênia e a Rússia, assumem que os Chechenos são simplesmente outro grupo terrorista motivado por alguma seita islâmica radical. O trágico massacre escolar em Beslan e a ocupação do teatro pelos rebeldes em Moscou, da maneira como relatada pela imprensa ocidental incentiva tal percepção.²⁷ Recentemente, o relatório de ataques por duas rebeldes che-

chenas ao metrô Flecha Vermelha em Moscou destaca ainda mais a obsessão para com os pontos de vista religiosos dos terroristas. Um relato do jornal britânico *Daily Mail* coloca em foco a filiação suspeita de terroristas mas ainda assim não menciona as outras causas subjacentes que fazem com que os rebeldes recorram à tais ações.²⁸ O artigo destaca a filiação religiosa das pessoas suspeitas que detonaram as bombas, clamando que as mulheres eram provavelmente “mulheres muçulmanas radicalizadas pela situação do Cáucaso Norte” e que faziam parte do movimento “*Shahidka*”, termo derivado da palavra árabe *shahid*.²⁹

Os relatos dos noticiários e os comentários das autoridades russas continuam a colocar ênfase na religião dos rebeldes e não na situação política que precipitou o movimento terrorista. Naturalmente, tal perspectiva incentiva o leitor a pressupor que esse grupo é meramente outra organização radical muçulmana. Essa suposição é incorreta e deixa de reconhecer o fator principal que motiva os rebeldes chechenos, inclusive as combatentes: a importância cultural de honra pessoal. As “Viúvas Negras” da Chechênia ou agressoras suicidas adotam as “regras de *Adat*, um código de honra tradicional da Chechênia,” que lhes inspira a “obter retribuição por amor à honra” e contra a presença russa que ocupa o território.³⁰ Pelo mesmo motivo que os homens lutam contra a ocupação russa, as mulheres demonstraram sua dedicação, ao lutar pelo povo e pela cultura, com consequências letais.

Em 2003 o comandante rebelde checheno Abu al-Walid al-Ghamidi explicou porque as mulheres constituem 50 por cento das agressões com bombas suicidas: “Essas mulheres, especialmente as esposas de *mujahedin* martirizados, estão sendo ameaçadas dentro de suas próprias casas. Sua honra e tudo o mais estão sob ameaça. Não aceitam a humilhação e a vida sob ocupação”.³¹ Ademais, não são as únicas mulheres desta era que sofreram tragédias pessoais para então recorrerem ao terrorismo. As combatentes de Sri Lanka canalizaram a dor e o ódio em armas contra o governo.

As Tigres Negras Tamil: A Honra Hindu de Tendência Nacionalista

As Tigres Tamil de Sri Lanka (*LTTE*) fazem parte da população minoritária hindu que buscou o estabelecimento de um estado independente Tamil, livre de envolvimento com a população majoritária budista (*Sinhala*). A *LTTE* recruta mulheres de forma dinâmica, defendendo seu emprego em operações para garantir os objetivos políticos. Essa ação traz grande honra à mulher e à família. Em retorno, a sociedade Tamil venera as “Tigres Negras” como santas, uma vez que estão dispostas a morrer pelo povo. O ingresso de mulheres à insurgência Tamil até mesmo levou à inovação em operações terroristas. Em consequência, a *LTTE* inventou o primeiro cinturão suicida projetado especialmente para mulheres, porque faz com que pareçam estar grávidas, facilitando a passagem pelos postos de inspeção.³²

Thenmuli Rajaratnam— a primeira mulher Tamil Tigre suicida, mais tarde venerada como santa pela *LTTE*, cognominada Dhanu—detonou uma bomba, matando 16 espectadores durante o assassinato de Rajiv Gandhi. De acordo com a maioria das fontes (apoiada pelos propagandistas da *LTTE*), a justificativa de Dhanu para tal ação resultou da curra pela qual passou em mãos de soldados indianos enviados por Gandhi a Sri Lanka para suprimir o movimento separatista Tamil.³³

No caso de Dhanu, a explicação aceita para a ação é que as forças indianas massacraram sua família, violando-a.³⁴ Na cultura Tamil, as mulheres percebem o martírio em nome do povo como a única saída. De acordo com Robert Pape, “acredita-se que algumas mulheres suicidas em Sri Lanka foram vítimas de estupro em mãos de soldados sinhaleses ou indianos, um estigma que destrói a possibilidade de casamento e procriação . . . ‘Transformar-se em bomba humana . . . é algo que se compreende e se aceita para uma mulher que jamais será mãe.’³⁵ Não só a bomba libera a mulher e a família do estigma de estupro, mas também dá a ela, incapaz de produzir filhos, um meio de servir de mãe à sociedade. Na

cultura Tamil, “diariamente as mães fazem grandes sacrifícios pela prole: alimentam os filhos homens antes de se alimentar e às filhas, servindo-os [em tudo], e assim por diante”.³⁶ Para uma mulher que não pode contribuir à sociedade dessa forma, lutar contra os inimigos do povo, pode parecer que é a única opção que resta.

A Experiência Americana

Na remota província de Paktia no Afeganistão oriental, uma bomba ao lado da estrada explodiu, atingindo um comboio de quatro *Humvees* em abril de 2007, ferindo cinco soldados. A paramédica designada aquele comboio apressou-se a proteger as vítimas do tiroteio [que seguiu] “à medida que os morteiros caíam a menos de 100 metros de distância”.³⁷ Depois de o comboio manter os agressores à distância, a paramédica disse à *Associated Press* que “a única coisa que lhe passou pela cabeça foi levar o pessoal a local mais seguro, prestar primeiros socorros e retirá-los [da área]”.³⁸ A paramédica transferiu os feridos a local mais seguro há mais de 500 metros de distância, onde receberam tratamento inicial antes de serem evacuados via helicóptero.

Devido a essas ações aquela paramédica do Exército, *SPC Monica Lin Brown*, recebeu a *Silver Star* [Estrela de Prata], em março de 2008. É um paradoxo que os regulamentos do Exército proibam sua participação em combate na linha de frente. A realidade das operações de combate forçou o Exército a ignorar esses regulamentos, uma vez que os problemas culturais presentes, tanto no Afeganistão como Iraque, apresentam dificuldades culturais que exigem a presença da mulher. Em ambos os países, as mulheres “frequentemente são enviadas a destacamentos de combate completamente integrados por homens – não somente devido à habilidade, mas também ao papel cultural sensível de interagir e providenciar cuidado médico às habitantes da localidade, bem como revistá-las, [durante operações de segurança]”.³⁹ As restrições permanecem, apesar de o Exército reconhecer que a “bravura, ações altruístas e o socorro médico ministrado pela Especialista Brown,

abaixo de fogo, salvaram a vida dos camaradas, representando a mais alta tradição de heroísmo em combate”.⁴⁰ A Especialista Brown, de 19 anos de idade, foi a segunda mulher, desde a Segunda Guerra Mundial a receber a *Silver Star*, a terceira medalha de mais alto nível da nação para celebrar sua bravura.

As ações de Brown em combate diretamente contradizem as diretrizes do Comandante-em-Chefe, o Presidente George W. Bush, que anunciou em coletiva de imprensa que não autorizaria as mulheres a servir em contingentes terrestres de combate, embora aceitasse os papéis desempenhados pelas mesmas em navios e aeronaves de combate.⁴¹ Embora o Presidente Bush proibisse que as mulheres servissem na infantaria, artilharia, destacamentos blindados e em todas as operações de forças especiais, não ordenou sua ausência de destacamento de apoio a combate e deveres, tais como paramédicas, uma vez que tal diretiva prejudicaria o desempenho das forças armadas no Iraque e Afeganistão.⁴²

Assim, as mulheres levam avante os deveres de apoio e continuam a distinguir-se em ambientes de combate, entretanto, sem a presença da Especialista Brown. Dentro de uma semana da luta pela qual recebeu a *Silver Star*, o Exército optou em retirar Brown de campo uma vez que, como diz ela, “sua presença feminina em contingente de armas de combate havia atraído [demasiada] atenção”.⁴³ Essa reação do Exército é dúbia.

A discrepância entre diretrizes e a realidade de combate referentes ao caso da Especialista Brown não foi o primeiro incidente a destacar as deficiências em diretrizes referentes às mulheres em combate. É absurdo que, no mesmo ano em que o Presidente Bush emitiu as diretrizes referentes às mulheres em combate, a Sgto. Leigh Ann Hester da Guarda Nacional de Kentucky encontrou-se em meio a tiroteio em uma emboscada que sofreu seu destacamento no Iraque, um incidente que eventualmente levou à sua nomeação para receber uma *Silver Star*. Assim, foi a primeira mulher a receber essa medalha durante aquele conflito.

Um membro da 617^a Companhia da Polícia Militar, Hester e seu esquadrão escoltavam

um comboio de suprimentos, quando insurgentes iraquianos atacaram. Em meio à luta, ela “liderou a equipe através da ‘zona de morte’ e à posição de flanco, onde atacou uma linha de trincheiras com granadas e salvas de morteiro M203”.⁴⁴ Hester não parou até arrasar duas trincheiras, matando três insurgentes com tiros de rifle. Em vez de celebrar o fato de ser a primeira, desde a Segunda Guerra Mundial a receber a *Silver Star*, a Sargento Hester simplesmente disse que “sentia-se orgulhosa em haver cumprido com os deveres de soldado naquele dia”.⁴⁵ Atribuiu sua reação em combate ao treinamento que havia recebido, afirmando que reagira como todo soldado: “É você ou eles . . . Temos uma tarefa a cumprir — proteger-nos e aos camaradas”.⁴⁶ De acordo com o *Washington Post*, a entrega da *Silver Star* à Hester “destaca o papel cada vez maior que as mulheres norteamericanas desempenham em combate contra as guerrilhas do Iraque, onde dezenas de milhares de mulheres americanas já serviram, 36 morreram e 285 foram feridas”.⁴⁷

Em contraste com o Exército, onde as mulheres devem fazer parte da ala aérea ou da polícia militar para poder entrar em combate, a Força Aérea permite e até mesmo incentiva as mulheres a alistarem-se voluntariamente à posições de combate.⁴⁸ Após o Secretário de Defesa, Les Aspin, liberar as aeronaves de combate às mulheres em 1993, aos poucos começaram a ingressar a um mundo, até então, dominado pelos homens, o ambiente de caças e bombardeiros. Apesar dos empreendimentos de incentivo e recrutamento da Força Aérea para atrair as mulheres aos caças e bombardeiros, o número de pilotos de combate permanece pequeno. Desde 2008, somente 70 mulheres tripulam aeronaves de combate.⁴⁹ Esse número reflete um aumento de cerca de 50 por cento, pois somente 47 pilotavam caças em 2002.⁵⁰

A Maj Melissa “Shock” May, uma das poucas dessa geração que pilota o F-16 acaba de receber a *Distinguished Flying Cross* [Cruz de Distinção em Voo] pela missão de combate em Bagdá. May e os outros quatro caças de seu grupo eliminaram mísseis superfície-ar soviéticos para permitir que o Exército continuasse

em direção à cidade, tornando possível a superioridade aérea norteamericana.⁵¹ Um dos caças que voava a seu lado foi atingido e obrigado a desprender os tanques de combustível externos para conseguir evadir um míssil Roland que estava a ponto de atingi-lo. May descreveu a cena em entrevista com o *Air Force Times*: “Lá estávamos, em meio à tempestade e [o pessoal lá embaixo] abrindo fogo . . . e, uma vez que ele [o que voava a seu lado] deixou cair os tanques, acabou ficando com pouco combustível.”⁵²

Em realidade, as mulheres tomam parte em combate, apesar de certos estudiosos fazerem o possível para restringir ou completamente negar a elas essa oportunidade. A Força Totalmente Voluntária [*All Volunteer Force*] depende da habilidade e profissionalismo de mulheres que constituem quase 15 por cento da força. Os líderes militares de todas as forças armadas reconhecem as funções cruciais que as mulheres desempenham em missões bem sucedidas. Acabam de comprovar que são capazes de aguentar os rigores de várias funções de combate e mesmo quando os líderes militares superiores reconhecem a necessidade da participação feminina, continua existindo uma forte oposição política a respeito.

A Volta Atrás

Embora as forças armadas norte-americanas atualmente utilizem mulheres no Iraque e Afeganistão para compilar inteligência em bate-papos com as habitantes dos vilarejos e assistir em batidas policiais com mulheres suspeitas, são expressamente restritas de cargos de combate.⁵³ Em 2005 a legislatura apresentada pela Câmara de Deputados buscou aumentar as restrições de participação feminina em combate ao terrorismo, ao proibir as mulheres de servir em companhias avançadas de apoio.⁵⁴ Em documento que respondia ao protesto à emenda proposta, seus defensores declararam que “não existe motivo militar ou demográfico para que a América exponha as jovens do país, muitas delas mães, à combate terrestre direto”.⁵⁵

O Centro de Prontidão Militar [*Center for Military Readiness-CMR*] vai ainda além em suas objeções contra as mulheres em combate, proclamando que a discussão envolve não só expor as jovens mães à violência de combate, mas também à eficácia de uma força de combate integrada [ambos os sexos]. O *CMR* defende que a realidade de habilidades físicas, disciplina do contingente, capacidade de destacamento e a coesão do mesmo têm precedência sobre os clamores de igualdade cívica.⁵⁶ O centro clama apoiar o direito das mulheres em servir, mas somente em cargos que não envolvem combate terrestre direto.

Em uma crítica sarcástica das mulheres que servem nas forças armadas (*Weak Link: The Feminization of the American Military* [1989]) e no artigo seguinte (*Women in the Military: Flirting with Disaster* [1998]), Brian Mitchell expande o debate, indo além da participação em combate. [Está contra a] sua participação nas forças armadas, ponto final. Baseia a conclusão no fato de que as mulheres não se aderem às expectativas do típico combatente masculino. Ilustra esse ponto de vista, utilizando as provas das academias militares e os recentes escândalos de agressões sexuais: “Existem dois tipos de cadetes e aspirantes da Marinha em academias militares federais de hoje. Um é o homem. Agressivo, forte, audaz e destinado ao combate. O outro é a mulher que não possui sequer um desses atributos.”⁵⁷

No âmago da polêmica permanecem três premissas básicas. Primeiro, a capacidade física feminina, inclusive a questão de gravidez, obviamente diferente da dos homens, afetando, assim, a eficácia do destacamento em geral. Segundo, os críticos alegam que a presença de mulheres prejudica a coesão do destacamento, limitando os vínculos masculinos e criando problemas de disciplina, devido ao suposto ambiente, sexualmente carregado, em destacamentos integrados. Finalmente, muitas pessoas asseveram que uma sociedade civilizada baseada na moralidade judeu-cristã não deve enviar as mães e filhas à situações de perigo.⁵⁸ Esse argumento final também utiliza a questão de sexo para sugerir que as combatentes que forem capturadas certamente tornar-se-ão vítimas de estupro e brutalidade

sexual e, assim, devemos evitar sua exposição a tais riscos.

O segundo livro de Mitchell a respeito, *Women in the Military: Flirting with Disaster*, coloca em destaque o incidente da Marinha, denominado de Escândalo do Gancho de Cauda [*Tail Hook Scandal*: refere-se ao gancho para as aeronaves que aterrissam em porta-aviões], as controvérsias referentes à Ten Kelly Flinn da Força Aérea e o escândalo da agressão sexual no *Aberdeen Proving Ground*.⁵⁹ É interessante que Mitchell ignora ou desconhece os estudos científicos referentes aos padrões físicos femininos e casos em que as integrantes de destacamentos de combate funcionaram bem na Força Aérea, fatos que ocorreram em meio a publicação de seus dois livros.⁶⁰

É notável a ausência, em sua análise, do estudo de como as mulheres-soldados reagiram ao regime de competência física da Medicina Ambiental do Instituto de Pesquisa dos EUA [*US Army Research Institute of Environmental Medicine*] de 1997, projetado para melhorar o desempenho de tarefas específicas associadas aos deveres designados, tais como levantar objetos pesados e marchas de longa distância com mochilas de 34 quilos de peso.⁶¹ Seguindo os limites de tempo para programas de competência física prescritos pelo Exército, o estudo revelou que o treinamento apropriado melhorou o desempenho das mulheres de forma dramática. O regime de treinamento, que replicou o trabalho atual que as mulheres iriam desempenhar, descartando o enfoque em típicos apoios de frente ao solo, flexões e programas de corrida a longa distância, concluíram que 78 por cento das participantes fariam face aos requisitos mínimos de “trabalho pesado” do Exército. Antes do treinamento somente 24 por cento havia preenchido tais requisitos.⁶²

Os resultados do estudo sugerem que com o treinamento adequado, as mulheres podem desempenhar tarefas físicas rigorosas, apesar da percepção de inferioridade física. Além do mais, a estatura feminina oferece benefícios que excedem a dos homens. Por exemplo, a estrutura óssea mais delicada de uma mecânica faz com que possa alcançar áreas dentro

do motor de aeronaves que um homem de estatura mediana não consegue.⁶³

Este estudo também realça outro aspecto importante da prontidão militar. Em geral, os padrões físicos prescritos para as tarefas militares tem pouco a ver com o trabalho em pauta.⁶⁴ Um exemplo perfeito é o curso de obstáculos presente na maioria das instalações militares. A maior parte das tarefas militares não requer que os componentes da tropa escalem uma parede, mas uma barreira desse tipo ainda é comum em todos os cursos de obstáculo das forças armadas.

Existe um número ainda menor de provas documentadas para colocar em dúvida, diretamente, os outros dois argumentos prontamente citados pelos que se opõe à participação de mulheres nas forças armadas e em combate. A asserção referente ao efeito das mulheres em coesão e disciplina é fato que recai à liderança do destacamento, esquadrão ou força. Mesmo antes da integração de mulheres, a coesão do destacamento, a boa ordem e a disciplina causavam problemas à liderança.⁶⁵ Para serem persuasivos os que estão em contra deveriam enquadrar o debate em termos das negativas associadas à integração de mulheres em contingentes militares. Assim, concentrar-se em padrões físicos, coesão do contingente e disciplina, eficácia da missão é uma mudança do “debate de fundamentos de crença a efeitos práticos”.⁶⁶ Os que estão contra a participação de mulheres em combate e forças militares, em essência ignoram as ramificações e problemáticas associadas aos grupos homogêneos, tentando provar que a presença feminina causa maiores problemas dentro das organizações militares.

Na verdade, para tais críticos, o debate, com a maior frequência, centra-se na noção de que os líderes políticos da nação não podem moralmente permitir e justificar a violência organizada contra o segmento feminino da população. Esse argumento também parece difícil de comprovar, uma vez que se deriva de pontos de vista morais subjetivos. Por um lado, permite às mulheres servir em funções tradicionais dentro das forças, uma vez que isso não resulte em violência direta. Ao prestar declarações baixo juramento du-

rante uma comissão presidencial em 1992, Mitchell declarou que “necessitamos desesperadamente de mulheres como paramédicas e enfermeiras, porque, da maneira como estão as coisas, as forças não conseguem paramédicos e enfermeiros suficientes, quer sejam homens ou mulheres”.⁶⁷ Contanto que as mulheres recebam proteção durante violência organizada, os princípios sociais permanecem intactos. Como o Senador James Webb inferiu em um artigo onde expressava sua opinião em 1979 e como o atual *CMR* sugere, permitir que as mulheres sirvam nas forças armadas tolera e até mesmo incentiva a violência perpetrada contra elas.

Ademais, crítico algum tece comentários a respeito do aceite social e a nobreza de homens engajados em violência organizada contra outros homens. Em geral, todos os que se opõem à inclusão de mulheres em forças armadas e combate, inferem que a violência perpetrada por homens contra outros homens continua sendo norma aceita pela sociedade. Duas simples justificativas para isso: (1) ninguém se opõe a que os homens tomem parte em violência contra outros homens, mas não aceitam que as mulheres tomem parte em ou sejam vítimas de violência, e (2) a sociedade valoriza os membros femininos de forma mais elevada, uma vez que merecem a proteção contra a violência.

Para reiterar, essa faceta do argumento parece insustentável. Sob diferente perspectiva, a inferência é de que a sociedade americana coloca a segurança das cidadãs a nível mais elevado do que a dos cidadãos, discriminando, assim, contra esses últimos. Além disso, um exame mais chegado dos argumentos daqueles que se opõe revela uma falta de respeito para com a metade da população americana. É inapropriado, uma vez que sugerem que os homens que servem nas forças armadas devem portar-se mal, a fim de formar um elo íntimo entre si e desenvolver as tendências violentas para transformarem-se em combatentes eficazes.

Se o argumento de Mitchell for sustentável e a liderança civil retirar os 15 por cento das mulheres que servem no Exército, será que a eficácia em combate diminuiria? Em estudo

da *RAND* referente ao envio de mulheres do Exército ao Iraque e Afeganistão durante as recentes operações, os indivíduos em campo testemunharam que “simplesmente não havia pessoal suficiente para cumprir com as tarefas sem as mulheres”.⁶⁸ Ademais, que opinião causaria maior dano ao tecido da sociedade americana: a inclusão completa de mulheres nas forças armadas, baseada em competência física ou a revogação de leis que já lhes permitiram servir durante quase uma geração? Finalmente, será que a integração de mulheres em funções de combate verdadeiramente impede a eficácia? A avaliação final continua sem resposta. Até agora, contudo, as mulheres comprovaram que são combatentes formidáveis, quer em participação oficial ou não.

A Realidade da Força Totalmente Voluntária em Operações de Contingência no Estrangeiro

À medida que o número de mulheres militares aumenta, os comandantes reconhecem que sem sua presença em uma variedade de funções, os contingentes enfrentariam dificuldades e até mesmo fracassariam em missões designadas. Desde a Guerra do Golfo, a liderança militar reconhece que “os Estados Unidos não mais podem travar grande guerra ou campanha sem mulheres”.⁶⁹ Os que desaprovam proclamam que a utilização de mulheres para o desempenho de funções críticas resulta da decisão direta das forças em designar mulheres para desempenhá-las.

As hostilidades atuais que confrontam os Estados Unidos não apresentam demarcação clara entre as linhas de frente e as de retaguarda. Rosemarie Skaine, perita em questões referentes aos diferentes sexos nas forças militares, sugere “que a velha linha de frente não mais existe, porque os conflitos atuais são missões de manutenção de paz e que o armamento moderno é operado via tecnologia, muito mais do que antigamente”.⁷⁰ As diretrizes atuais do Departamento de Defesa, Exército e Corpo de Fuzileiros Navais continuam a restringir as mulheres de funções de combate

terrestre, entretanto os cargos de apoio, tais como em contingências de polícia militar, suprimentos e inteligência destacam as mulheres às “linhas fluídas de conflito” no Iraque e Afeganistão, “colocando em pauta as idéias tradicionais a respeito do que constitui uma posição de ‘combate’”.⁷¹

Além disso, a noção de que diretrizes exclusivas protegem as mulheres dos perigos de combate entra em conflito direto com a realidade de insurgências e as guerras irregulares no Iraque e Afeganistão. A disparidade é ainda maior no emprego de mulheres pelo Exército. Erin Solaro, que defende a abertura de posições de combate às mulheres, descreve como, “na guerra, atual, por exemplo, as mulheres-soldados dirigem caminhões-tanque em todo o território do Iraque. Entretanto, não se permite que tripulem tanques [de guerra]. Um caminhão-tanque não é um alvo glamoroso, mas é lucrativo, especialmente se está resuprindo tanques ou veículos Bradley de guerra”.⁷² Embora a Força Aérea continue a liderar as forças em termos de integração, os campos especializados específicos, tais como operações especiais continuam de portas cerradas às mulheres. Permitem que as mulheres participem em missões de apoio aéreo aproximado em auxílio às forças de operações especiais terrestres, arriscando serem abatidas e capturadas pelo inimigo. Contudo, não podem servir nessas mesmas forças.

Durante as três décadas, desde a integração de mulheres às forças armadas, as decisões organizacionais, câmbios culturais e a evolução, bem como o desempenho de mulheres contribuíram à esquemática organizacional convoluta e aos processos de raciocínio que agora prevalecem nas forças armadas norte-americanas: as diretrizes excluem as mulheres de combate, mas ainda assim seu desempenho em batalha é ótimo. Às vezes, as exigências operacionais demandam seu emprego em funções de combate tradicional. [Quando isso acontece], as forças armadas meramente incorporam as mesmas a essas funções restritas, de forma temporária.

Solaro explica como esses diagramas organizacionais instituídos nos anos iniciais da Força Totalmente Voluntária, demonstram “a

progressão ancestral linear, dizendo que as mulheres no Iraque e Afeganistão não são designadas a destacamentos de combate, somente *incorporadas [a elas]*” (ênfase no original).⁷³ As forças armadas sempre aceitaram a possibilidade de que as mulheres poderão tomar parte em combate, mas ainda assim, de maneira voluntariosa, optaram em negar essa oportunidade de servir oficialmente em posições diretas de combate terrestre. Na verdade, as mulheres desempenham tarefas em combate terrestre direto. Paul Wolfowitz, antigo Secretário de Defesa Adjunto, reconhece muito bem a realidade da situação em que as forças militares integradas norte-americanas operam: “À medida que consideramos a situação da força feminina entre os militares [vemos que] não é somente uma questão de estarem intituladas a servir o país. Simplesmente não podemos funcionar sem elas. Como os níveis especializados essenciais às missões continuam a aumentar, torna-se ainda mais premente contar com a contribuição de todos os cidadãos e com a maior fonte de talento disponível”.⁷⁴

A Solução: A Seleção Baseada em Competência e não em Sexo

Juntamente com a aparente evolução da percepção da sociedade americana para com as mulheres em combate, é evidente que houve um câmbio cultural. Nas duas guerras em curso, as mulheres morrem cumprindo o dever e em operações de combate sem qualquer clamor do público americano. Quando os restos mortais de mulheres regressam ao país em invólucros plásticos esperava-se enorme clamor público. Contudo, notamos “pouca evidência de que o público [americano] está de alguma forma menos inclinado a tolerar seu sofrimento”.⁷⁵ Os únicos clamores públicos partem especialmente de críticos da guerra que usam a morte de qualquer membro das forças armadas que seja para chamar a atenção à sua posição política.

O declínio em eficácia de combate que se temia, não ocorreu. O fato persiste de que

outras influências, fora do envolvimento de mulheres, tais como avanços tecnológicos em comunicações, criaram maiores mudanças nas forças.⁷⁶ Da mesma forma, a dependência em Força Totalmente Voluntária também fez com que os militares fossem obrigados a se adaptar à realidade [da presença] das mulheres, cujo número vem aumentando cada vez mais. Uma vez que “a habilidade do país em manter um exército totalmente voluntário foi levada em consideração para a utilização eficaz da contribuição feminina” os líderes militares que ridicularizam a volta à força composta de pessoal alistado foram obrigados a encontrar um meio de explorar as [diferentes] capacidades das mulheres.⁷⁷

Nem todas as tentativas foram bem sucedidas, como sugere Solaro. Entretanto, exatamente como ocorreu com a integração dos soldados negros, que levou tempo para superar os preconceitos e obstáculos, a integração das mulheres em posições de combate avança a passos lentos. Os líderes superiores do Exército reconhecem a contribuição das mulheres-soldados em contra-insurgências no Iraque e Afeganistão. Muitos deles, inclusive o Gen Gordon Sullivan, antigo Chefe do Estado-Maior, contestou a emenda legislativa de 2005 proposta que restringiria ainda mais as funções de combate das mulheres, simplesmente porque tal revogação incapacitaria as operações do Exército ao redor do mundo, fechando 21.925 cargos atualmente disponíveis às mulheres-soldados.⁷⁸

Os militares norteamericanos não mais se enfocam na inabilidade dos membros. Concentram-se mais na capacidade que possuem e o que podem contribuir à luta. Por exemplo, as mulheres-soldados em patrulha no Iraque, permitiram às forças militares engajar e interagir com a metade da população iraquiana, sem violar os tabus e restrições culturais, facilitando assim, maior compilação de dados de inteligência humana [HUMINT], a avaliação de ameaças e o acesso àquelas pessoas que muitas vezes são [as únicas] responsáveis em criar a próxima geração de cidadãos iraquianos. Se seguidas ao pé da letra, as diretrizes atuais negariam aos militares tais oportunidades.

Os críticos sugerem que o Gen Norman Schwarzkopf condenou as mulheres às funções minoritárias de apoio ao declarar: “As decisões a respeito de que função as mulheres devem desempenhar na guerra devem ser baseadas em padrões militares, não em direitos feministas”.⁷⁹ A avaliação de Schwarzkopf na verdade apoia a ideia de que a *competência e não o sexo* é o que torna possível a inclusão ou exclusão da participação de americanos em combate. Além do mais, “a situação e ‘as regras’ mudaram mas as forças armadas modernas não se adaptaram à nova era”. A recusa dos que se opõe a reconhecer a realidade do desempenho feminino em papéis de combate somente sustam o debate.⁸⁰ Para assegurar as diretrizes apropriadas às forças de combate, os militares devem colocar em prática uma avaliação honesta e objetiva.

Uma vez que a capacidade e não o sexo é o que entra em jogo em decisões de designação de funções, todas as outras questões associadas à integração de mulheres viriam a ser típicos problemas de liderança. Se os membros de um contingente integrado, por exemplo, tomam parte em relações inapropriadas, a liderança deve solucionar tais situações e aplicar a pena apropriada, de acordo com o Código Uniforme da Justiça Militar [*Uniform Code of Military Justice*].

Conclusão

O momento crítico, de verdade, foi a presença de uma paramédica [naquela situação], devido a sensibilidade cultural e a flexibilidade encaradas pelos comandantes. Nada tem a ver com seu sexo em termos de como desempenha [as funções].

—Maj Paul Narowski, 73rd
Regimento de Cavalaria

As operações de contingência no estrangeiro reacenderam o debate a respeito da designação de mulheres à funções de combate, revelando que os regulamentos que governam esse tipo de função são “vagos, mal-definidos e baseados em conceito de guerra fora de moda, [uma guerra] que contava com linhas de frente

definidas, o que raramente existe nas contra-insurgências atuais”.⁸¹ Apesar da realidade dos conflitos presentes, o debate a respeito do papel das mulheres em campo de batalha nunca cessará se os líderes políticos continuarem a relegar as mulheres à funções inferiores dentro da sociedade americana.

Ao reconhecer a função vital que as mulheres desempenham em conflitos armados, a liderança dos Estados Unidos pode moldar a cultura, a fim de perceber que as mulheres podem, e na verdade tomam parte em violência para e contra a nação. Quando os Americanos culturalmente aceitarem esse fato, as tropas que combatem em guerras atuais estarão mais bem preparadas para encarar futuros insurgentes. Em última análise, tais insurgentes compartilham motivações similares e lutam pelos mesmos objetivos universais que as militares e suas predecessoras da resistência: combatem para dar aos filhos um futuro mais seguro.

Abdullah Öcalan, o líder do Partido Trabalhista do Curdistão [*Kurdistan Worker's Party*], explica que as combatentes da resistência moderna e as suicidas estão “completamente cientes de que são mulheres livres com uma mensagem importante a passar e que podem servir de exemplo a todas as mulheres ao redor do mundo”.⁸² Além do mais, as táticas empregadas pelas organizações terroristas e insurgências, inclusive o emprego de mulheres em combate tornaram inúteis as diretrizes de exclusão. Um estudo recente da *RAND* referente à designação de mulheres à funções de combate pelo Exército, descobriu que as diretrizes atuais “não eram litigáveis”, uma vez que foram “estabelecidas para um campo de batalha linear” que dependia de noções de posições “avançadas e bem avançadas [o que] se reconhece não possuir muito sentido no teatro da guerra iraquiana”.⁸³ Se os inimigos da América, sem dúvida mais conservadores acerca do papel das mulheres na sociedade, reconhecem a eficácia das combatentes em suas operações, os líderes políticos devem reconhecer o que os líderes militares aceitam como fato. As mulheres podem contribuir com êxito às operações de combate e para esse fim permanecer em prontidão.

As combatentes americanas encaram grande crítica de estudiosos que desejam retornar a uma força de combate completamente masculina. Como suas irmãs que lutaram na União Soviética, as mulheres americanas servem uma nação que propaga as noções de igualdade mas que, ainda assim, continua a discriminar baseada em sexo. Quando o Presidente Bush “vigorosamente respaldou as restrições de [exclusão de combate] do Exército” e proclamou a diretriz de “mulher alguma em combate” solidificou a noção de que as americanas não estão em pé de igualdade com os homens.⁸⁴ Tais proclamações inibem mais ainda a habilidade das mulheres de alcançar completa integração e cimentam a percepção de que são incapazes de eficazmente servir em funções de combate.

As operações no Iraque e Afeganistão diretamente contradizem os argumentos defendidos pelos críticos. As mulheres já comprovaram que são guerreiras formidáveis e que podem tomar parte em combate terrestre direto. Os contingentes de combate, tais como os da *Brown* aceitaram as mulheres como membros à altura. Em seu contingente *Brown* é tida “como camarada, relacionando-se bem, tomando parte em tarefas conjuntas e fazendo tudo o que os outros faziam” e queriam que continuasse sendo sua paramédica.⁸⁵ Recentemente, George Casey, o Chefe do Estado-Maior do Exército, declarou, baixo juramento, perante os legisladores que as diretrizes de exclusão de combate deviam ser revisadas “em vista de como as mulheres vem servindo nas duas guerras”.⁸⁶ Esse anúncio veio após a Marinha rescindir as diretrizes que baniu as mulheres de submarinos. Aparentemente, um movimento para levantar todas as restrições e capacidades de utilização baseadas em padrões para determinar a competência física para o dever em qualquer posição, desfrutava de forte apoio, embora a oposição conservadora continue a pintar um quadro de mães que partem para a guerra. Contudo, John Nagl, Tenente-Coronel do Exército, Reformado e presidente do Centro para a Nova Segurança Americana [*Center for New American Security*], declara que em vista das 220.000 mulheres que lutaram em ambas as guerras, as

120 que pagaram com a vida, devemos “simplesmente reconhecer a verdade já escrita em suor e sangue em campos de batalha”.⁸⁷

As guerras no Iraque e Afeganistão forçaram os Estados Unidos a reavaliar certo número de diretrizes domésticas e estrangeiras, inclusive a preempção, bem como as estruturas organizacionais das forças armadas. Essas guerras também realçaram a necessidade dos legisladores reconsiderarem as regras de ex-

clusão de combate que atualmente governam as operações. As mulheres sempre foram sujeitas à violência da guerra. Está na hora dos Estados Unidos capacitarem a mulher americana a servir em funções de combate, se fizerem face aos requisitos físicos determinados para a função específica—[e] não padrões físicos arbitrários. Os legisladores devem rescindir as diretrizes de exclusão de combate e dar as boas vindas às mulheres como cidadãs aptas. □

Notas

1. US Field Artillery Association, “The Story of Molly Pitcher,” http://www.batteryb.com/molly_pitcher.html.

2. Apesar dos líderes soviéticos beneficiarem-se da propaganda produzida por todos os contingentes femininos, poucos estudiosos ocidentais e russos levaram a cabo grandes pesquisas referentes a este aspecto da história soviética. Ademais, até a queda da União Soviética, os historiadores ocidentais possuíam acesso limitado à documentação oficial. O pouco que existia estava em russo. Assim, a maioria da pesquisa dependia do empreendimento de três mulheres: Reina Pennington, Kazimiera Janina Cottam e Anne Noggle. Durante minha pesquisa encontrei contradições em designação de destacamentos, na transliteração de nomes e traduções de entrevistas e discursos. Fiz o possível para providenciar as interpretações mais aceitas dentre os dados providenciados.

3. Reina Pennington, “Wings, Women and War: Soviet Women’s Military Aviation Regiments in the Great Patriotic War” (tese de mestrado, Universidade da Carolina do Sul, 1993), 3.

4. *Ibid.*, 8.

5. Kazimiera Janina Cottam, *Women in War and Resistance: Selected Biographies of Soviet Women Soldiers* (Nepean, ON: New Military Pub., 1998), xviii.

6. Pennington, “Wings, Women and War,” 9.

7. Anne Noggle, *A Dance with Death: Soviet Airwomen in World War II*, 1st ed. (College Station, TX: Texas A&M University Press, 1994), 6.

8. Pennington, “Wings, Women and War,” 25.

9. *Ibid.*, 31.

10. Cottam, *Women in War and Resistance*, xix.

11. Noggle, *Dance with Death*, 7.

12. *Ibid.*

13. *Ibid.*, 137.

14. Kazimiera Janina Cottam e Galina Markova, *Soviet Airwomen in Combat in World War II* (Manhattan, KS: Military Affairs/Aerospace Historian, 1983), xii.

15. Pavel Felgenhauer, “Russian Military: After Ivanov,” *Perspective* 17, no. 3 (May–June 2007), <http://www.bu.edu/iscip/vol17/felgenhauer2.html>.

16. *Ibid.*

17. *Ibid.*

18. Bernard Lewis, *The Middle East: A Brief History of the Last 2,000 Years* (New York: Scribner, 1995), 206.

19. Marnia Lazreg, *Torture and the Twilight of Empire: From Algiers to Baghdad* (Princeton, NJ: Princeton University Press, 2008), 151.

20. *Ibid.*

21. *Ibid.*, 150.

22. *Ibid.*, 151.

23. Lewis, *Middle East*, 318.

24. *Ibid.*

25. Kai Adler, “The Women of Hamas: ‘Islam Protects Us,’” *Qantara.de*, 26 January 2006, http://www.qantara.de/webcom/show_article.php/_c-478/_nr-391/i.html.

26. Anne Applebaum, “Girl Suicide Bombers,” *Slate*, 2 April 2002, <http://www.slate.com/?id=2063954>.

27. Para exemplo deste tipo de reportagem, ver Caroline Wyatt, “Moscow Siege Leaves Dark Memories,” BBC News, 16 December 2002, <http://news.bbc.co.uk/2/hi/europe/2565585.stm>.

28. Mail Foreign Service, “Hunt for ‘Black Widow’ Terror Gang after Female Suicide Bombers Kill at Least 38 in Bomb Attacks on Moscow Trains,” 29 March 2010, <http://www.dailymail.co.uk/news/worldnews/article-1261502/Female-suicide-bombers-Moscow-kill-30-attacks-tube-trains.html>.

29. *Ibid.*

30. Christoph Reuter, *My Life Is a Weapon: A Modern History of Suicide Bombing* (Princeton, NJ: Princeton University Press, 2004), 150.

31. Robert Anthony Pape, *Dying to Win: The Strategic Logic of Suicide Terrorism*, 1st ed. (New York: Random House, 2005), 32.

32. Rosemarie Skaine, *Female Suicide Bombers* (Jefferson, NC: McFarland, 2006), 51.

33. Pape, *Dying to Win*, 229.
34. *Ibid.*, 230.
35. *Ibid.*
36. Arjuna Gunawardena, "Female Black Tigers: A New Breed of Cat?" in *Female Suicide Bombers: Dying for Equality?* [JCSS Memorandum no. 84], ed. Yoram Schweitzer (Tel Aviv: Jaffee Center for Strategic Studies, Tel Aviv University, August 2006), 84.
37. Associated Press, "Female Texas Teen to Receive Silver Star," CBS News, 9 March 2008, <http://www.cbsnews.com/stories/2008/03/09/terror/main3920151.shtml>.
38. *Ibid.*
39. Ann Scott Tyson, "Woman Gains Silver Star—and Removal from Combat: Case Shows Contradictions of Army Rules," *Washington Post*, 1 May 2008, <http://www.washingtonpost.com/wp-dyn/content/article/2008/04/30/AR2008043003415.html>.
40. Associated Press, "Female Texas Teen to Receive Silver Star."
41. Erin Solaro, *Women in the Line of Fire: What You Should Know about Women in the Military* (Emeryville, CA: Seal Press, 2006), 141.
42. *Ibid.*
43. Tyson, "Woman Gains Silver Star."
44. Sgt Sara Wood, "Female Soldier Receives Silver Star in Iraq," *Army.mil*, 17 June 2005, <http://www.army.mil/-news/2005/06/17/1645-female-soldier-receives-silver-star-in-iraq>.
45. *Ibid.*
46. *Ibid.*
47. Ann Scott Tyson, "Soldier Earns Silver Star for Her Role in Defeating Ambush," *Washington Post*, 17 June 2005, <http://www.washingtonpost.com/wp-dyn/content/article/2005/06/16/AR2005061601551.html>.
48. Rebecca Grant, "The Quiet Pioneers," *Air Force Magazine* 85, no. 12 (December 2002): 34–38, <http://www.airforce-magazine.com/MagazineArchive/Documents/2002/December%202002/1202pioneer.pdf>
49. Sr A Justin Weaver, "Meet the Air Force's First Female African-American Fighter Pilot," US Air Forces in Europe, 21 March 2008, <http://www.usafe.af.mil/news/story.asp?id=123091118>.
50. Grant, "Quiet Pioneers."
51. Patrick Winn, "Female Airmen Deadly in Iraq, Afghanistan," *Air Force Times*, 13 January 2008, http://www.airforcetimes.com/news/2007/12/airforce_deadly_women_071229w/.
52. *Ibid.*
53. Solaro, *Women in the Line of Fire*, 16.
54. Apesar das objeções da liderança superior do Exército e membros femininos da força, a legislatura forçou o Exército a renovar a promessa de proibir as mulheres de fazer parte de funções de combate terrestre, como em infantaria e artilharia de campo.
55. Center for Military Readiness, "The Hunter/McHugh Amendment to H.R. 1815: Codification of DoD Regulations Re: Women in Land Combat," 23 May 2005, 3, <http://cmrlink.org/CMRNotes/Hunter-McHugh%20FAQ's%20052305.pdf>.
56. Center for Military Readiness, "Women in Combat: Frequently Asked Questions," 22 November 2004, <http://www.cmrlink.org/WomenInCombat.asp?DocID=237>.
57. Brian Mitchell, *Weak Link: The Feminization of the American Military* (Washington, DC: Regnery Gateway, 1989), 86.
58. Helena Carreiras, *Gender and the Military: Women in the Armed Forces of Western Democracies*, Cass Military Studies (London: Routledge, 2006), 89.
59. Lt Kelly Flinn, a primeira mulher piloto do B-52, causou controvérsia ao ter um caso com o esposo de uma militar alistada. Para maiores dados, ver "Times Topics: Kelly J. Flinn," *New York Times*, http://topics.nytimes.com/top/reference/timestopics/people/f/kelly_j_flinn/index.html. Em 1996 o Aberdeen Proving Ground teve uma série de incidentes de assédio sexual, agressão e estupro, que levou à condenação de vários oficiais do Exército e oficiais graduados.
60. Em 1992 a comissão presidencial examinou o papel das mulheres no serviço militar, dirigindo-se a uma variedade de assuntos, inclusive a exclusão a combate. A Comissão Presidencial de 1992 Referente à Designação de Mulheres nas Forças Armadas [Presidential Commission on the Assignment of Women in the Armed Forces] recomendava que as mulheres continuassem a ser banidas de posições de combate. Contudo, certos membros da comissão discordaram publicamente.
61. Everett Harman et al., *Effects of a Specifically Designed Physical Conditioning Program on the Load Carriage and Lifting Performance of Female Soldiers* (Natick, MA: US Army Research Institute of Environmental Medicine, US Army Medical Research and Materiel Command, 1997), ix, <http://handle.dtic.mil/100.2/ADA333437>.
62. *Ibid.*, 1.
63. Lorry M. Fenner e Marie E. deYoung, *Women in Combat: Civic Duty or Military Liability?* (Washington, DC: Georgetown University Press, 2001), 10.
64. *Ibid.*, 7.
65. Laura L. Miller e John Allen Williams, "Do Military Policies on Gender and Sexuality Undermine Combat Effectiveness?" in *Soldiers and Civilians: The Civil-Military Gap and American National Security*, ed. Peter D. Feaver and Richard H. Kohn (Cambridge, MA: Belfer Center for Science and International Affairs, John F. Kennedy School of Government, Harvard University, 2001), 389.
66. *Ibid.*, 388.
67. Brian Mitchell, *Women in the Military: Flirting with Disaster* (Washington, DC: Regnery Publishing, 1998), 350.
68. Margaret C. Harrell et al., *Assessing the Assignment Policy for Army Women* (Santa Monica, CA: RAND Corpora-

tion, 2007), 54, http://www.rand.org/pubs/monographs/2007/RAND_MG590-1.pdf.

69. Solaro, *Women in the Line of Fire*, 165.

70. Rosemarie Skaine, *Women at War: Gender Issues of Americans in Combat* (Jefferson, NC: McFarland & Company, 1999), 25.

71. Holly Yeager, "Soldiering Ahead," *Wilson Quarterly* 31, no. 3 (Summer 2007): 56, http://wilsoncenter.org/index.cfm?fuseaction=wq.essay&essay_id=261679.

72. Solaro, *Women in the Line of Fire*, 164.

73. *Ibid.*, 162.

74. Carolyn B. Maloney, *The Downgrading of DACO-WITS: How President Bush Has Failed America's Women in Uniform* (Washington, DC: US House of Representatives, 2004), 1.

75. Yeager, "Soldiering Ahead," 56.

76. *Ibid.*, 57.

77. Carreiras, *Gender and the Military*, 84.

78. Solaro, *Women in the Line of Fire*, 232.

79. A Comissão Presidencial Referente a Designação de Mulheres nas Forças Armadas, "Section II—Alternative Views: The Case against Women in Combat: Executive Summary" (Washington, DC: The Commission, 1992), 46, <http://cmrlink.org/CMRNotes/PCAWAF-AV.pdf>.

80. M. C. Devilbiss, *Women and Military Service: A History, Analysis, and Overview of Key Issues* (Maxwell AFB, AL: Air University Press, 1990), 62, http://www.au.af.mil/au/aul/aupress/Books/B-44/mcd_women.pdf.

81. Tyson, "Woman Gains Silver Star."

82. Reuter, *My Life Is a Weapon*, 155.

83. Tyson, "Woman Gains Silver Star."

84. *Ibid.*

85. *Ibid.*

86. Dan De Luce, "Wars Force US Military to Review Ban on Women in Combat," *Agence France-Presse*, 27 February 2010, http://www.google.com/hostednews/afp/article/ALeqM5gCawP28SAr_a-XX1k8Bpk8YpsIUQ.

87. *Ibid.*



Tenente-Coronel Kristal L. Alfonso, USAF Bacharelado da *North Carolina State University (BA)*; Mestrado em Arte de Poder Aéreo e Ciências da *School of Advanced Air and Space Studies (MAAS)*; Mestrado em Arte Operacional Militar e Ciências da *Air Command and Staff College (MMOAS)*; MS [Mestrado em Ciências] da *Troy University*. Atualmente designada ao *556th Intelligence Squadron* na Base Aérea Buckley, Colorado. Recebeu o Prêmio do Comandante pela Melhor Tese da *School of Advanced Air and Space Studies-SAASS* em Liderança e Ética com o tema: "*Femme Fatale: An Examination of the Role of Women in Combat and the Policy Implications for Future American Military Operations*", a tese de Mestrado na SAASS. Anteriormente foi oficial de manutenção de aeronaves e piloto do *KC-135*. Membro do corpo docente da Academia da Força Aérea dos Estados Unidos e analista de defesa no Instituto de Pesquisa da Força Aérea. Contribui com frequência ao periódico eletrônico *The Wright Stuff*. Seu artigo, "*A Cyber Proving Ground: The Search for Cyber Genius*" acaba de ser publicado na Primavera de 2010 na *Air and Space Power Journal-Ingês*.